

---

# A CIDADE DE BELÉM E SEUS MITOS NA VOZ DA IMPRENSA (1960-1980)<sup>1</sup>

**Rudá Silva de Pinho** Mestre em Antropologia (UFRN). Bacharel em História (UFRN). Email: frias.ruda@gmail.com

---

<sup>1</sup> O presente artigo é um recorte do primeiro capítulo da monografia apresentada e aprovada no curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 2015, intitulada *A CIDADE DE BELÉM DO PARÁ: mitos e medos no espaço público (1950-1989)*.

**A CIDADE DE BELÉM E SEUS MITOS NA VOZ DA IMPRENSA (1960-1980)**

**THE CITY OF BELÉM AND ITS MYTHS IN THE VOICE OF THE PRESS (1960-1980)**

Rudá Silva de Pinho

**RESUMO**

A sensação de medo sempre esteve presente em determinados espaços das cidades, sejam por memórias ruins sobre um local, seja pela violência que ali pode ocorrer ou pelo imaginário dos mitos dentre os moradores. Em Belém, o século XX foi um período fundamental de registros expositores da existência do medo diante do sobrenatural nos espaços públicos do centro da cidade. Espaços que, por acreditar-se serem palco para manifestações sobrenaturais, tornaram-se locais mal quistos, espaços de medo. Assim sendo, este artigo analisa, a partir de notícias de jornais locais e da literatura regional, a presença e as influências dos mitos e medos diante do sobrenatural sobre os espaços públicos do centro da cidade entre 1950 e 1980.

**PALAVRAS-CHAVE:** Belém; medo; espaços; imprensa

**ABSTRACT**

The feeling of fear has always been present in certain spaces in cities, whether because of bad memories about a place, because of the violence that can occur there or because of the imaginary of myths among residents. In Belém, the 20th century was a fundamental period of expository record of the supernatural fear in public spaces in the city center. Spaces that, believed to be the stage for supernatural manifestations, have become unwanted places, spaces of fear. Therefore, this article analyzes, based on news from local newspapers and regional literature, the presence and influence of myths and fears of the supernatural on public spaces in the city center between 1950 and 1980.

**Keywords:** Belém; fear; spaces; press

## INTRODUÇÃO

Em Belém, a madrugada do dia 12 de janeiro de 1970 começou como outra qualquer. As pessoas já estavam dormindo e prontas para festejar, pela manhã, o aniversário de 364 anos de Belém. De repente, o que se vê nas ruas da cidade são pessoas agoniadas, assustadas, apavoradas. Gente de pijama correndo para fora das suas casas tentando entender o que acabara de acontecer.

A cidade acabara de sofrer um tremor de terra, algo nunca antes sentido por sua população. Não faltaram explicações de “cientistas improvisados”<sup>2</sup> e os jornais na manhã do dia 13 trouxeram a público tais explicações: castigo divino, consequência da viagem à lua, bombas chinesas e, finalmente, a cobra grande – boiúna – que havia se mexido (MONTEIRO, 2000).

Vamos então explicar essa última ideia. Desde tempos da fundação da cidade, conta-se que a cobra grande habita o subterrâneo do local, dormindo um sono profundo e duradouro. Acredita-se que se um dia a cobra acordar e se mexer a cidade ruirá e será engolida pelas águas da baía do Guajará. Segundo a lenda, a cabeça da cobra está localizada sob a Catedral da Sé, no bairro da Cidade Velha – marco de fundação da cidade – e sua calda está embaixo da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, no centro. Para o folclorista José Coutinho, a representação da cabeça da cobra sob a catedral é simbólica, uma vez que se associa a figura de Nossa Senhora, cuja imagem encontra-se na Catedral da Sé, esmagando a cabeça deste ser mítico, a cobra, que tanto transpõe um ideal de negatividade sob a crença cristã – sendo a cobra associada ao diabo.

A madrugada do aniversário da cidade de Belém trouxe de volta as interpretações, os medos e a crença nessa específica lenda. Os jornais *O Liberal* e *A Província do Pará* expuseram nas manchetes do dia seguinte o quanto as pessoas se assustaram com o fato, bem como as referidas causas e explicações acerca do deslocamento e as pesquisas que estavam sendo feitas para se localizar o epicentro do terremoto, sentido em cidades próximas e distritos da capital, como Abaetetuba e Vigia, Mosqueiro e Icoaraci, respectivamente. Razão para narrar esse fato é o intuito de mostrar que os habitantes de Belém já estiveram em muito,

---

<sup>2</sup> *A Província do Pará*. 13 jan. 1970. p. 8.

numa época, muito associados ao mundo de lendas e visagens que se perpetuava no imaginário amazônico.

Mitos e lendas fazem parte dos elementos culturais que asseguram a identidade de um povo e são capazes de dar sentido às suas práticas sociais. Portanto, a ideia de mito estará sempre em todos os capítulos desta monografia. Para delinear-la ao nosso objetivo, utilizamos a compreensão do filósofo Edgar Morin, a qual o mito é entendido como um agente da história, um objeto mediador de relações humanas e transgressor dos limites de espaço e tempo. A complemento desse entendimento, utilizaremos a também filósofa Mary Midgley, que procura se concentrar na ideia de que as visões imaginativas do ser humano são essenciais para sua compreensão do mundo. Por isso, os mitos não devem ser tomados como mentiras ou histórias neutras, mas como “modelos imaginativos, redes de símbolos poderosos que sugerem maneiras particulares de interpretarmos o mundo, moldando seu significado<sup>3</sup> Na região amazônica, mais precisamente no perímetro urbano da cidade de Belém, as tradições folclóricas permeiam a vida da população. De acordo com a antropóloga Eunice Durham,

...o folclore constitui um sistema de representações – costumes, tradições, crenças, mitos e formas de manifestação artística – que exprimem um modo de vida particular, um meio de interpretar a realidade social e o ambiente geográfico, de ordenar a vida em sociedade e de exprimir os valores básicos da cultura. Os elementos do passado só persistem na medida em que podem expressar realidades presentes e só se conservam enquanto integrados em sistemas. (DURHAM apud MONTEIRO, 2000, p. 11)

Assim, algo que sempre notei em minhas leituras sobre o tema em Belém e lembrando as histórias que ouvia na infância era que determinados espaços públicos da cidade eram também reapropriados por grupos de pessoas, sendo associados à perspectiva de medo, o que chegava a influenciar o cotidiano dessas pessoas. Eram espaços proibidos de passar em determinadas horas do dia e da noite, que causavam temor e que, de certa forma, eram também respeitados. Logo, pretendo analisar discursos que forneçam a possibilidade de entender tais espaços como locais (também) associados ao medo. Para isso, tentei elucidar as

<sup>3</sup> MIDGLEY, Mary. Como os mitos operam. In: \_\_\_\_\_. **A presença dos mitos em nossas vidas**, 2014. p. 21. Midgley considera que as visões imaginativas são partes necessárias do pensamento humano e entende o mito, uma vez significado por essas visões imaginativas, como operadores centrais das ciências atuais. Já sobre as questões produzidas por e para o homem, sobretudo no que diz respeito às mentalidades e sua influência sobre as ações sociais, em Edgar Morin, ver: MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**, 2014.

condutas dos personagens míticos que se acreditavam presentes nesses locais, bem como a memoração de um grupo de moradores da região em relação aos mitos urbanos.

Belém foi fundada em 1616, na foz do rio Amazonas, às margens da baía do Guajará (formada pelo encontro dos rios Guamá, Acará e Pará)<sup>4</sup>. Sua história esteve sempre associada ao elemento das águas. Os rios foram os principais meios de transporte de ida e vinda da cidade, eram os caminhos, as estradas naturais que percorriam toda a Amazônia e facilitavam o acesso a locais ermos (as ligações por terra entre os municípios só começaram a surgir a partir do século XVII. A estrada de ferro de Bragança, uma ferrovia que ligava o centro de Belém ao centro de Bragança, no nordeste do estado, próxima ao litoral, só teve início a partir de 1883, terminando suas obras apenas em 1908)<sup>5</sup>.

O rio se desenvolveu paralelamente à cidade. Belém crescia “de costas pra o rio”, relegando-o a um espaço de negação. As áreas próximas ao rio, a partir do processo de ocupação, habitação e urbanização eram marginalizadas, empobrecidas, periféricas ou apenas locais de passagem, um entreposto para entrada e saída da cidade<sup>6</sup>. A concentração da estrutura urbana estava no centro. A política de urbanização e saneamento, concretizada pelo intendente de Belém Antônio Lemos no início do século XX, na qual as áreas centrais da cidade – bairros de Nazaré, Batista Campos, São Brás, Umarizal e Reduto, expostos no mapa a seguir – foram privilegiadas, especialmente com a intensa arborização com a plantação de mangueiras, originárias da Índia. A paisagem urbana do centro transformou-se profundamente com, também, a construção de palacetes residenciais, quiosques de rua, cafés, praças e a abertura de avenidas, como a (à época, no final do século XIX) estrada de Nazareth (SARGES, 2002). De acordo com Edna Castro, durante os primeiros anos da República brasileira ocorreu o primeiro padrão de ocupação e povoamento da região amazônica, a partir de um modelo de expansão urbana que ocorria ao longo dos rios, tendo como o principal o rio Amazonas (CASTRO, 2009).

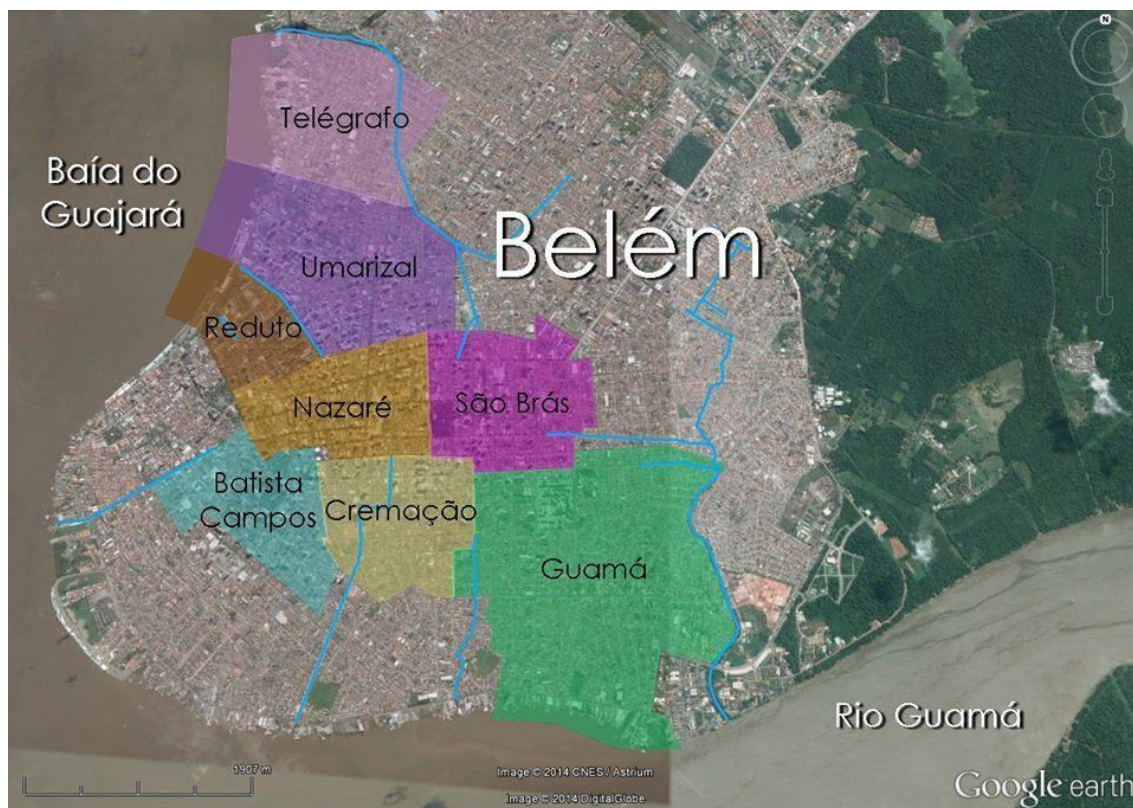
---

<sup>4</sup> Ver mapa a seguir.

<sup>5</sup> Enciclopédia dos municípios brasileiros, 1957.

<sup>6</sup> CAMPELO, Marilu Marcia. Conflito e espacialidades de um mercado paraense. In: LEITÃO, Wilma Marques (org.). **Ver-o-Peso**: estudos antropológicos no mercado de Belém. 1 ed. Belém: NAEA, 2010. p. 41-68.

**Bairros centrais da cidade de Belém do Pará**



Fonte: Elaborado por Rudá Silva de Pinho, com base no programa de georreferenciamento Google Earth.

Ao longo do século XX, a elite local se concentrava no centro. Em decorrência desse aspecto, até os dias atuais esses bairros figuram dentre os com o maior custo de vida de Belém. Já os bairros formados às margens dos rios versam como grande parte da periferia da cidade, com duas exceções: o Reduto, transformado nos anos 20 em bairro operário, repleto de fábricas<sup>7</sup> e o Umarizal, que recebe uma abrupta transformação em sua estrutura na década de 1970<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> No artigo *História e memória de um bairro operário: Reduto – 1910-1930*, Rosana Padilha de Sousa descreve que, com a crise da economia da borracha, nos anos 20, houve uma canalização de investimentos sobre a atividade industrial de Belém e, por causa de sua localização próxima ao porto, o bairro do Reduto se tornou um espaço de atração às instalações de fábricas. SOUSA, Rosana Padilha de. *História e memória de um bairro operário: Reduto – 1910 – 1930*. In: **Simpósio Nacional de História**, 24, 2007, São Leopoldo, RS. Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

<sup>8</sup> Venize Nazaré Ramos Rodrigues, no artigo *Bairro e Memória: Umarizal das vacarias aos espigões (Belém 1950-2000)*, faz um traçado das modificações do bairro do Umarizal a partir da memória de antigos moradores locais. Para mais informações, ver RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. *Bairro e Memória: Umarizal das*

Este último bairro inaugurou um vigoroso processo de verticalização que modificou demasiadamente o seu desenho urbano a partir do final dos anos 1970, o que fez emergir, no tradicional bairro de moradias, um espaço de serviços e habitado por uma nova e crescente classe média. Surgiu por volta de 1880, com a abertura de algumas vias pelo então Intendente Municipal, José da Gama Malcher, e adquiriu uma identidade de bairro periférico, o qual era repleto de valas, capins, aningais e enchentes, uma vez que se situava às margens da baía do Guajará (RODRIGRES, 2013).

Os rios eram vistos como um espaço de movimentação e foram incorporados como eixos dos avanços das fronteiras do território amazônico e também atuaram como importantes – os principais – eixos das redes econômicas, até a construção das rodovias na região (CASTRO, 2009). O incentivo à urbanização que ocorria no centro da cidade estava longe do rio Guamá e da Baía do Guajará<sup>9</sup>.

Na bandeira da cidade há a representação de dois braços, um sustentando uma cesta com flores e o outro, uma cesta com frutas, o que simboliza a fertilidade das terras, por causa dos grandes rios, possuindo, abaixo da imagem a legenda “VER EAT AE TERNUM” e “TUTIUS LATENT”, referentes ao rio Amazonas e Tocantins, onde “tudo são maravilhas” que estão escondidas das vistas de exploradores<sup>10</sup>.

Não à toa, Ruy Barata e Paulo André Barata compuseram “*esse rio é minha rua*”, imortalizada na voz de Fafá de Belém, uma homenagem aos caminhos fluviais que se tornaram a principal via para o abastecimento em Belém de frutas, peixes, carne vermelha e cultura. A força cultural do mito, que delinearemos com maior profundidade no capítulo 2, deixou uma marca forte nas propagações musicais e literárias, haja vista os belíssimos escritos

---

Vacarias aos espigões (Belém 1950-2000). In: **Simpósio Nacional de História**, 27, 2013, Natal, RN. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social. Natal: ANPUH, 2013.

<sup>9</sup> Somente a partir da década de 1980 a construção de edifícios começou a ocorrer com um planejamento de os apartamentos terem uma vista para o rio. Não é incomum ainda hoje encontrarmos prédios cujos fundos dos apartamentos estão para o rio. Por isso, é um costume se dizer que Belém foi uma cidade que cresceu de “costas para o rio”. A ideia do crescimento da cidade “de costas para o rio” está presente no pensamento de Gilberto Freyre, aplicada por ele a Recife, na obra *Nordeste*.

<sup>10</sup> Prefeitura de Belém. Símbolos. Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/>. Acessado em 20/10/2014. Não consegui até o momento encontrar a tradução literal das duas expressões.

de Dalcídio Jurandir<sup>11</sup> e nas estonteantes crônicas de Eneida de Moraes<sup>12</sup>. Cultura por ser a principal via de entrada, na cidade, durante anos. Os povos do interior que chegavam a Belém levavam consigo um pouco dos seus costumes e das características locais, bem como as vivências, histórias e, claro, as lendas. Para o folclorista José Coutinho de Oliveira,

Filha da imaginação, a lenda é tanto mais bela, quanto mais soberbo e grandioso é o cenário em que se anima a ficção criadora. E haverá no mundo mais portentoso, mais estupendo e maravilhoso cenário que esta Amazônia, de incomparável beleza? (OLIVEIRA, 2007, p. 16)

Renato Almeida, ex presidente da Comissão Nacional de Folclore, complementa:

A Amazônia é uma terra de lendas. Ela própria tem um caráter lendário o guardará até que seja dominada pela ciência e disciplinada pela técnica. [...] A abundância e variedade dessas estórias são infindáveis e constituem uma das riquezas de nossa sabedoria popular. (ALMEIDA in OLIVEIRA, 2007, p. 22)

As lendas, assim como a memória que as tornam presentes ao longo do tempo, transformam-se, modificam-se e adaptam-se. Histórias que outrora ocorriam apenas com uma família ribeirinha da região do baixo-amazonas, então se mostravam existentes próximas a um porto no bairro do Jurunas, às margens do rio Guamá.

## O SOBRENATURAL NA IMPRENSA E NAS OBRAS LOCAIS

A visualização de um espaço, percebida de forma subjetiva, desperta infindáveis formas interpretação e apropriação, que pode ser tanto de ordem individual como coletiva. A experimentação do ser humano sobre certo ambiente causa emoções, estando elas associadas à memória – uma lembrança positiva ou negativa, por exemplo – a qual desenvolve no homem ações que por ele serão ali experimentadas (TUAN, 2013).

<sup>11</sup> Dalcídio Jurandir (1909 – 1970) escreveu e publicou uma coletânea de livros que formaram o “ciclo do Extremo-Norte”, entre 1948 e 1978, composto por 13 obras que retratam o cotidiano do garoto Alfredo, desde sua infância no Marajó até sua vida adulta em Belém, perpassando tradições, práticas e crenças dos interiores e da capital do Pará.

<sup>12</sup> A jornalista paraense Eneida de Moraes (1904-1971) publicou em vida duas obras recheadas de crônicas que abarcam, dentre tantas memórias, os costumes da infância em Belém, bem como as crenças e práticas culturais relacionadas à ervas amazônicas: *Aruanda* (1957) e *Banho de Cheiro* (1961).



O medo é um sentimento íntimo e pode ser produzido por meio de um ambiente ameaçador. É complexo, mas detentor de dois objetos: a ansiedade e o sinal de alarme. Comumente, o sinal de alarme ocorre em um momento inesperado, provocando reações instantâneas, como a de enfrentamento ou de fuga, enquanto que a ansiedade reporta-se a ideia de que a situação que pode estar por vir já era esperada, de alguma forma (TUAN, 2005). Por que isso ocorre? De acordo com Jean Delumeau:

A liberação de adrenalina, a aceleração do coração, a redistribuição vascular em proveito dos músculos, a contração do baço [...] põem em circulação maior número de vetores de oxigênio que tornam possível um dispêndio físico mais forte (fuga ou luta). (DELUMEAU, 2009, p. 38)

Quando alguém tem em sua infância e juventude um amplo contato com casos e histórias que experimentam a sujeição do sobrenatural e, se no caso, os locais onde tais histórias ocorreram, segundo conta a tradição, estão próximos desse alguém, inevitavelmente, a mente anseia pela ressignificação do lugar.

Os seres encantados<sup>13</sup> que subsistiam nas matas fechadas do interior da província do Grão-Pará, passaram a ser vistos e ouvidos na Belém, capital do estado do Pará. Contudo, como mostra Monteiro, em *Visagens e Assombrações de Belém*, a ideia do sobrenatural na capital não somente estava interligada aos seres encantados amazônicos, mas também à fantasmas, aparições que, de acordo com a crença popular, ocupavam determinados lugares de Belém para pagarem suas penitências, fosse proteger um determinado local, fosse para “reviver” situações ou mesmo sem aparentes razões senão causar medo.

Dessa forma, Belém se mostra recheada de situações em que há a crença de que o sobrenatural recheia o espaço urbano (MONTEIRO, 2000) e, sendo assim,

---

<sup>13</sup> A pajé marajoara Zeneida Lima explica que, dentre toda a encantaria e pajelança existente na Amazônia, há sempre a presença de algum Caruana. Os caruanas são energias viventes sob as águas. Quando uma pessoa “se encanta”, perde sua energia de vivente, que se funde com uma energia existente nas águas, o que faz com que este ser passe por vários estágios, como uma flor ou um peixe. A partir de então, tornam-se entidades que podem ser invocadas por um pajé. De acordo com a crença marajoara, um caruana se manifesta através do cântico, da dança e pela expressão corporal. Quando chamados, utilizam-se do corpo do pajé como um canal para cumprir encargos próprios, como curar, aconselhar e/ou prever situações. Ver mais em LIMA, Zeneida. **O mundo místico dos caruanas e a revolta de sua ave**, 1998.

[...] para o povo, tudo se deve explicar, principalmente as coisas que possuem algo de diferente, na forma ou na essência, dos astros no céu aos vermes da terra. E, quantas vezes, a ingênua solução popular não encerra observações profundas, que servem de pontos de partida para a verdade exata que a ciência descobre? É surpreendente sempre a intuição do povo.<sup>14</sup>

De certa forma, a ideia de cultura popular, esteve por vezes atrelada ao povo, ou seja, gente pobre e pouco instruída, cujas tradições poderiam fornecer as bases para o aprofundamento e desenvolvimento de explicações racionalizadas cientificamente. Contudo, este imaginário, em Belém, não estava restrito a apenas uma parcela pobre e pouco instruída da população.

Portanto, escolhemos trabalhar com a perspectiva de que a cultura popular surge da construção de uma história das resistências, da inovação e da criatividade do imaginário coletivo (VOVELLE, 1991). Denys Cuche observa uma ambiguidade semântica à noção de cultura popular, uma vez que o “popular” pode denotar diversos significados. Para ele, em primeiro lugar há de se pensar o conceito de culturas populares, em oposição ao de cultura popular, uma vez que não são formadas por elementos homogêneos. Segundo, são frutos de grupos sociais subalternos que as constroem a partir de uma “reunião de elementos originais e importados, de invenções próprias e de empréstimos” (CUCHE, 1999, p. 149). Dessa forma, as culturas populares não poderiam ser vistas como culturas originais, já que “assumem funções integradoras, pois são facilmente, “cooptáveis pelo grupo dominante” (CUCHE, 1999, p. 150). A partir do momento em que o imaginário coletivo se faz muito pertinente do cotidiano de um povo, diversos grupos sociais podem se envolver dentro desse imaginário, especialmente quando o folclore está envolvido.

Em 12 de maio de 1987, a poucos dias do fim do mandato de Jader Barbalho como governador, a coluna Repórter 70, do jornal O Liberal publica a seguinte nota:

A família do governador Jader Barbalho, na iminência de deixar o palacete residencial dos governadores [...] vai ficar livre de noites mal dormidas porque, no Palacete, não tem faltado quem esteja ouvindo, à noite, ruídos de geladeira sendo aberta, barulho de livros caindo ou outros sinais de assombrações. Há mesmo quem, mais antigo na casa, tenha visto um vulto sentado em uma cadeira de balanço, a embalar-se em um dos

<sup>14</sup> ALMEIDA, Renato. Prefácio II. In: OLIVEIRA, José Coutinho. **Imaginário Amazônico**. Organização: Ana Paula Rebelo Silva; Maria Madalena de Oliveira Rebelo; Paulo Maués Corrêa. Belém: Paka-Tatu, 2007.

pátios, logo identificando-o com o governador Fernando Guilhon, que tinha esse hábito quando ocupou o Palacete.<sup>15</sup>

O que observamos, então, é que o discurso e a difusão do imaginário sobrenatural transcendiam as camadas sociais da população e se faziam presentes também em personagens da política do estado do Pará. Ainda na mesma coluna, é informado que as “assombrações” no Palacete Magalhães Barata eram acontecimentos comuns sempre no período que antecedia a troca de governadores. O mesmo havia acontecido com o governador anterior, Alacid Nunes e com seu predecessor, Jarbas Passarinho.

Para Walcyr Monteiro, o foco principal das crenças nas lendas e no sobrenatural como um todo está na formação étnica amazônica que, como a do resto do país está centrada na miscigenação de brancos portugueses, negros africanos e indígenas.

O nativo indígena presenteia a região com a maior cota desta formação de etnias. Arthur César Ferreira Reis informa que na região amazônica, brancos e negros não se reproduziram em uma escala muito significativa, ao contrário de brancos e índios, cujo cruzamento cultural e sexual tem seus frutos nas mais diversas áreas habitadas da região norte. Monteiro ainda menciona o Alvará de 4 de abril de 1755 e algumas “instruções posteriores”, as quais indicavam a preferência aos cargos públicos àqueles portugueses que casassem com mulher indígena.

No documento referido, D. José I, afirma que os que casarem com as índias da América “não ficam com infamia alguma, antes se farão dignos de minha real atenção”<sup>16</sup>. Em seguida, o rei afirma que os filhos originários dessas uniões seriam igualmente respeitados, bem como herdariam a capacidade de conseguir qualquer emprego, ter honra e dignidade. O mesmo seria aplicado às portuguesas que se casassem com índios e seus descendentes. Essa junção predominante entre brancos e nativos causa, em um primeiro momento, um choque de crenças e, posteriormente, a sobreposição do cristianismo às divindades indígenas. Contudo, o que se constata é a incorporação de diversos elementos de cada uma dessas crenças na outra. Desde que o português iniciou sua aventura por dentro do “inferno verde” e teve o primeiro

<sup>15</sup> Repórter 70. *Diário do Pará*. 12 mai. 1987.

<sup>16</sup> Alvará de 4 de abril de 1755. Disponível em: <<http://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/Alvar%C3%A1%20R%C3%A9gio%20de%204%20de%20Abril%20de%201751.pdf>>. Acessado em 02 nov. 2015.

contato com o índio, sua imagem e aparência tão diferentes tornaram-se algo idílico, sendo, inclusive, perpetrados no imaginário dos nativos, como bem expôs José Coutinho de Oliveira, em *Imaginário Amazônico*.

Do outro lado, a ótica cristã teve em seu meio a penetração da crença e do medo em certos elementos, personagens ou lugares, pensados como encantados, pelos índios. Daí existirem pequenas cidades nos interiores, povoados, vilas às margens de algum rio ou cortada por igarapés e cercada de mata fechada, cuja maioria da população era católica, com costumes de ir às missas todo domingo, em que uma parcela dos seus habitantes evitava passar depois da meia noite na frente do cemitério, ou que acreditavam na história do boto, que nas noites de baile, saía do fundo das águas transformado em um belo rapaz vestido de branco, cujo propósito seria apenas o de conquistar uma moça, levá-la ao fundo da água e engravidá-la. Não raros são os casos de adolescentes que colocaram a razão de suas gravidezes no boto. Em vista disso, os cruzamentos culturais chegam à capital, o mais importante centro econômico do estado, atraente para gente de todas as regiões do Pará e de estados fronteiriços (em especial Amapá, Maranhão e Amazonas). Logo, para a análise da crença no sobrenatural, um breve panorama sobre as formações religiosas dos moradores de Belém se faz importante para a pesquisa. Opto, aqui, por tratar deste assunto como crença no sobrenatural, pois tanto na historiografia quanto no imaginário popular e, especialmente na região amazônica, termos como fantasmas, espíritos, almas penadas, visagens, assombrações, espectros e aparições possuem uma significação própria, que serão delineadas nas próximas páginas. Assim, por todos formarem ideias que se encaixam à formas não naturais, não convencionais, superiores àquilo o que é conhecido pelo homem na natureza, coloco-os nesta pesquisa sob a redoma conceitual de sobrenatural.

O antropólogo Eduardo Galvão apresenta, em *Santos e Visagens* um estudo sobre a vida religiosa de Itá, no Amazonas, na qual se observa que a descrição dessa vida religiosa não estaria completa se, além do catolicismo, outras crenças, em especial as arraigadas na mente do caboclo, não forem também compreendidas. É uma ideia também aplicável à Belém (MONTEIRO, 2000) e, dessa forma, pensar além das religiões de matriz cristã nos dá um leque mais completo para interpretar como esse fator sobrenatural no imaginário.

Nas três etnias que compuseram a formação do homem amazônico é possível o encontro de ingredientes que reforçam a ideia das manifestações sobrenaturais. Católicos acreditam em almas penadas, ainda em processo de procura da paz e que precisam pagar/cumprir alguma penitência; dentre os negros africanos, a ideia de alma e o seu “penar” também existiam e, para isso, Monteiro cita Protásio Frikel, em um estudo realizado na Bahia “sobre os traços essenciais da doutrina e crença afro-baiana sobre a alma”. Em alguns adágios, provérbios populares de matriz africana há a de que a alma deve penar até se purificar “Quem, portanto, viveu mal no tempo de sua encarnação, por castigo deve vagar pelo espaço como espírito mal” (FRIKEL, apud. MONTEIRO, 2000, p. 224).

Quanto aos indígenas, a crença pode ser verificada por meio do estudo de Charles Wagley sobre os índios Tapirapé. Eles acreditavam que uma “multidão de espíritos” permeava o imaginário dessa etnia indígena no sobrenatural. Eram espíritos conhecidos como *ancúnga* e desmembravam-se em dois tipos: os espíritos *ancúnga iúnwera*, nada mais do que almas; e entidades perversas de formas heterogêneas. De acordo com os tapirapé, os *ancúnga iúnwera* viviam em aldeias abandonadas e vagueavam a noite, principalmente quando a temperatura caía, procurando o calor das aldeias e vilas habitadas pelo homem.

A formação étnica dos homens que compõem a região amazônica é descrita por Fraxe, Witkoski e Miguez como reminiscências de sujeitos sociais distintos: ameríndios, negros, nordestinos e europeus de diferentes nacionalidades (portugueses na maioria, mas também holandeses e espanhóis<sup>17</sup>).

Maria Anunciada Chaves, no artigo *Notas sobre o povoamento da Amazônia*, escreve que a região é “a mais portuguesa das terras brasileiras e a mais cabocla das regiões naturais do país”. Conforme a autora, os índios e seus descendentes caboclos (fruto da miscigenação com os portugueses) adaptaram-se às peculiaridades regionais. Outros povos estrangeiros

---

<sup>17</sup> Os três autores comentam sobre os diferentes grupos locais que deram origem aos homens amazônicos, sejam ribeirinhos, caboclos, seringueiros etc, para discutir sobre o ser um homem na região amazônica, abordando temas relacionados à construção da identidade regional. Ver mais em: FRAXE, T.; MIGUEZ, S.; WITKOSKI, A. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. *Ciência e Cultura*. São Paulo, vol. 61, n. 3, 2009. Disponível em: < [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252009000300012](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000300012)>. Acessado em: 12 nov. 2015.

também se fizeram presentes na região, moldando o atual caráter étnico, como espanhóis, sírios e, mais recentemente, os japoneses<sup>18</sup>.

Para se discutir os últimos 50 anos do século XX em Belém, é importante se pensar sobre o desenvolvimento de toda a região norte do país, que vivia um contínuo crescimento de sua população urbana. Para os pesquisadores Thomas Mitshein, Jadson Chaves e Henrique Miranda, esta foi

...uma tendência ligada às políticas de integração da Amazônia no espaço da economia (inter)nacional, que começaram a ser implementadas, de maneira sistemática, pelo Estado Nacional, a partir dos anos 60 do século 20. (MITSHEIN; CHAVES; MIRANDA, 2006, p. 17)

A formação e ampliação dos núcleos urbanos das cidades ocorreram por causa de uma “valorização estratégica” (MORAES; COSTA, 1984) da região: a exploração de infraestrutura da grande quantidade de recursos naturais. Contudo, estes autores acreditam que tais funcionalidades, por si só, não expressam a real ordenança para o crescimento populacional exasperado dos núcleos urbanos da região e lembram que alguns elementos como a crise da dívida externa, encargos da crescente dívida interna e a redefinição das funções e do tamanho do estado contribuíram para que o “poder de fogo”, baseado na disponibilidade de recursos financeiros, desfalecesse de forma abrupta. Num âmbito nacional, as disputas por recursos públicos disponíveis cresceram, uma vez que uma forte característica eram as marcantes disparidades regionais. Logo, o desequilíbrio econômico regional atesta um expressivo êxodo rural, que culmina em um aumento sem controle da população das zonas urbanas amazônicas.

Nada mais que uma relação de causa e efeito. As políticas de desenvolvimento da região não possuíam técnica e recursos financeiros necessários para suprir as disparidades criadas por elas mesmas. Esse modelo de desenvolvimento regional tornou-se conhecido como Modelo de Crescimento Desequilibrado Corrigido – o desequilíbrio estava com o favorecimento de determinados setores, como o mineral, madeireiro, pesqueiro empresarial,

---

<sup>18</sup> Maria Anunciada Chaves apresenta um panorama geral sobre o povoamento na Amazônia, enfocando no estado do Pará. Para mais informações, ver: CHAVES, M. A. Notas sobre o povoamento na Amazônia. **Revista Estudos Amazônicos**. Belém, vol. 4, n. 2, 2009. p. 153-161.  
Disponível em: <<http://www.ufpa.br/pphist/estudosamazonicos/arquivos/artigos/7%20-%20IV%20-%202%20-%202009%20M%20Anunciada%20Chaves.pdf>>. Acessado em: 12 nov. 2015.

eletrotérmico e pecuário, e a correção estaria na intervenção por parte do próprio Estado afim de superar as distorções sociais e econômicas causadas pelo grande incentivo àqueles setores específicos (MITSHEIN; CHAVES; MIRANDA, 2006).

A partir de então, as capitais amazônicas receberam um enxerto populacional fora do comum, especialmente as duas maiores, Manaus e Belém. A cidade de Belém, após cerca de 30 anos vivenciando diversas crises econômicas – devido o fim da economia borracheira – volta, a partir dos anos 1950, a crescer em um ritmo acelerado, que na década seguinte atingiu enorme velocidade. A precariedade da infra-estrutura no interior e a crise na produção agroextrativista em todas as regiões do estado, causadas pela concentração fundiária, expansão da pecuária e um quase inexistente atendimento à agricultura familiar aproximaram a ideia de mudança populacional para os centros urbanos mais desenvolvidos e chamativos, dentre os quais Santarém, no oeste do estado, região conhecida como Baixo Amazonas, Marabá, no sudeste paraense e o nosso objeto de estudo, Belém, a capital que está situada no nordeste do Pará.

Essas cidades se tornaram importantes no processo de transformação regional pelos serviços oferecidos e pela infraestrutura, bem como os processos de urbanização caracterizaram, em parte, a espacialização da população, intensa e acelerada, inserindo mudanças na estrutura do povoamento regional. As cidades sofreram uma reorganização do seu papel (CASTRO, 2009). Afinal, com uma população que crescia de forma vertiginosa em um curto período de tempo, diferentes tradições, culturas e experiências, bem como visões de mundo, eram introduzidas nessas cidades.

O resultado disso foi uma assustadora explosão demográfica na capital. Em 1990, após 40 anos do início dessas migrações, a população da cidade de Belém havia crescido cerca de 150%, com mais de um milhão de habitantes<sup>19</sup>. Enquanto mais pessoas chegavam à cidade para fixar moradia, a prefeitura e o governo do estado corriam para aplicar um mínimo de qualidade de vida para essas pessoas e para as novas áreas da cidade que estavam surgindo (MITSCHHEIN; CHAVES; MIRANDA, 2006).

---

<sup>19</sup> Em 1950, Belém contava com 254.949 habitantes, número que salta para 1,24 milhão em 1990. Disponível em <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>>. Acessado em: 25 out. 2014. <sup>23</sup> **A Província do Pará**, 11 e 12 de janeiro de 1970. <sup>24</sup> Idem.

Desse modo, acreditamos que a adição de tantas pessoas provocou, dentro da cidade, uma explosão de experiências e experimentações que se anexaram às já existentes naquele meio urbano e se transformaram em algo a mais. O que queremos dizer com isso é que as tradições e histórias antes contadas nos mais diversos interiores do estado, estavam então em contado com o ambiente da cidade, muito diferente e, por isso, aliaram na sua essência alguns elementos de cada espaço, convertendo-se em uma nova experiência, em um novo conto. A exemplo disso, Monteiro nos brinda, em sua dissertação, com histórias sobre mães d'águas e matintas pereiras, tidas principalmente no interior, em casas no meio da mata e em igarapés, que a partir dos anos 1950 começam a ser contadas na cidade Belém. A complemento, veremos em uma das entrevistas, no capítulo 3, que a dona Maria José, também nesta década, quando era criança, ouvia histórias de senhoras que eram “matintas” no bairro do Guamá – periférico, o que mais cresceu na cidade durante o período de problemas de aplicabilidade desse Modelo de Crescimento Desequilibrado Corrigido.

Nos dias 11 e 12 de janeiro de 1970, o jornal *A Província do Pará* publicou uma reportagem especial em comemoração aos 354 anos da cidade de Belém, ressaltando os grandes avanços que a cidade, finalmente, estava vivendo. Manchetes chamativas com “Um milagre: o saneamento”, “Bem perto do fim de um tormento: telefone” e “Previdência social do município é completa” felicitavam os governantes pelas obras que estavam trazendo o progresso para a população da cidade. Neste mesmo ano, a rodoviária da cidade fora edificada no bairro de São Brás, onde outrora havia existido a estação de trem, início da extinta e tão memorada rota Belém-Bragança.<sup>23</sup> As ruas e avenidas também ganhavam novos ares e seus projetos visavam muitos aperfeiçoamentos. Como noticiou o jornal *A Província do Pará*,

As grandes avenidas e rodovias de Belém estão projetadas sob as mais modernas técnicas, de modo a permitir um tráfego perfeito e uma imagem perfeitamente sintonizada com o futuro. [...] Esse projeto de perfeição técnica, e o progresso requer o capricho urbanístico que se antevê.<sup>24</sup>

A cidade apresentava-se como um complexo de informações que envolvia tanto a região metropolitana, quanto o campo rural dos municípios que estão intrínsecos a partir de uma economia urbano-regional. De acordo com Rosane Azevedo de Araujo, ao pensar a informacionalidade cidadina, acredita que a “forma social e espacial de cidade da nossa



sociedade [...] trata-se tanto do potencial de produtividade quanto da capacidade de destruição, tanto das proezas tecnológicas quanto das misérias sociais de nosso tempo” (ARAUJO, 2007, p. 49). O ambiente urbano, acima de tudo, é um ambiente de informações e de trocas das experimentações pessoais. Segundo Marcel Roncayolo,

...a função é, na verdade, a razão de ser da cidade. Neste sentido, a cidade parece responder a uma necessidade que a transcende; pertence a um conjunto ou a um sistema e define-se em relação a eles. Estruturas internas e relações externas encontram-se assim ligadas a um mesmo conceito: por um lado, as funções parecem determinar o conteúdo social, o modo de vida da cidade; por outro, delimitam zonas de influência e explicam a localização da cidade na organização espacial. (RONCAYOLO, 1986, p. 411)

Na mesma edição de 1970 do *A Província do Pará*, na coluna *Diário JCC*, escrita pelo jornalista José Cândido de Carvalho, trazia, na segunda nota, intitulada *Assombração*, a história de um senhor que havia sido perseguido por um fantasma. Já na edição de dois de agosto de 1972, no mesmo jornal, uma manchete chamava atenção: um homem havia sonhado com fogo e ao acordar, havia um incêndio acontecendo. José Maria Tinoco tivera uma inquietante noite, com horríveis sonhos de que a sua indústria, a Tinoco Industrial Ltda. era tomada por grandes chamas. Ao acordar, o homem fora até seu empreendimento e, ao chegar lá, notou que havia um princípio de incêndio no local. Não eram raras notícias à época acerca de pessoas cujos sonhos se tornavam realidade, envolvidas em alguma espécie de “aviso” e outros casos em que o sobrenatural estava envolvido.

Percebemos, assim, a interessante dicotomia em, por exemplo, no mesmo jornal que, numa notícia explora os avanços, progressos e rumos de alcance para o futuro que a cidade de Belém buscava, noutra relata eventos que norteiam o “outro lado”, esse mundo desconhecido. Excluindo as crenças religiosas, a ideia da credulidade em algo que vai além do natural, desde meados do século XIX, esteve relacionada ao passado, a algo que deveria estar distante. Uma distância temporal dos ideais de modernidade e avanços técnicos e científicos trazidos da Europa, a partir dos ideais de que as luzes das racionalidades deveriam estar acima de qualquer elemento obscuro que tanto atormentou cidades e vilas, baseadas apenas na difusão imaginária de grupos sociais.

Contudo, cabe ressaltar que ao vermos dois ideais tão distintos expostos em periódicos que estão todos os dias em contato com grande parte da população da cidade de Belém, compreendemos o quão relevante, importante e presente estava a credulidade e, de acordo com o que os protagonistas dessas histórias revelam, a vivência dessa credulidade no núcleo urbano.

Enquanto novas torres de telefonia eram implantadas, estações de transporte eram construídas e o saneamento atingia novos lares, o imaginário construído sobre o mundo sobrenatural continuava em contato com as pessoas, com os lugares. Os espaços públicos, uma vez em contato com elementos do sobrenatural, passam a ser ressignificados para os que acreditam. O medo de passar por uma esquina não diferentes de outras em um tranquilo bairro no centro, ou de andar pelos arredores dos cemitérios não era algo distante temporalmente ou espacialmente, restritos ao que a historiografia poderia trazer sobre a Idade Média, a Antiguidade e pré-História, mas estava ali, em pleno século XX, nas ruas do centro da cidade de Belém.

Para terminar este texto, escolhemos falar de um ponto extremamente importante, talvez um dos mais divulgadores da cidade: a arborização. Concretizada no início do século XX pelo Intendente Antônio Lemos e objeto de muita discussão ao longo dos anos, o plantio de árvores na capital sempre esteve pertinente na vida dos cidadãos. Fosse para amenizar o calor, fosse para o embelezamento, a cidade pedia por mais arborização, o que ocorreu, de fato, no final dos anos 1980, na gestão do prefeito Fernando Coutinho Jorge, noticiado pelo *Diário do Pará* como “um dos mais importantes programas da administração Coutinho Jorge [...] com o propósito de tornar Belém uma cidade cada vez mais verde”. Cerca de mil oitizeiros seriam plantados na avenida Pedro Álvares Cabral, uma das principais do bairro do Umarizal e Telégrafo e mais de mil mangueiras seriam colocadas no canteiro central da avenida Augusto Montenegro, o então principal logradouro de ligação para a “nova Belém”, as novas vias de abertura e crescimento de uma cidade em franca expansão<sup>20</sup>.

Por que a arborização se torna importante para este trabalho? Cada espaço e cada paisagem é tomada por um agente da cidade, entendido aqui como um habitante. Cada um desses espaços é ressignificado por esse agente e torna-se um palco para as mais fantásticas

<sup>20</sup> *Diário do Pará*. 25 de abril de 1988.

manifestações que infestam e agraciam o imaginário pessoal e coletivo. Pensar uma rua margeada de mangueiras, de dia, pode para alguém, remeter ao fato de que sua localização no momento é dentro da floresta, as árvores nas calçadas podem remeter a ideia de que a floresta está na cidade, ou ainda de que a cidade está na floresta, de que a cidade é a floresta. De noite, para outra pessoa, a mesma rua, com uma fraca iluminação, pode representar um ambiente obscuro, desconhecido, misterioso. Um lugar cuja experiência pessoal esteja atrelada ao temor, ao receio de caminhar, ao medo de que algo além do natural possa estar escondido por trás dos longos troncos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

São consideráveis alguns pontos de grande importância para se pensar um período da história da cidade Belém. Em primeiro lugar, o quanto as políticas do Estado para o desenvolvimento da região amazônica, por meio da implementação dos Planos de Desenvolvimento da Amazônia, conseguiram desequilibrar a economia das pequenas cidades do interior do estado do Pará e as consequentes transformações urbanas que cidades de médio e grande porte, como Belém, sofreram por causa das intensas migrações para esses locais.

À medida que a cidade se transformava e tomava novas formas, agregando diversos modos de vidas e perspectivas de seus habitantes, era de se esperar que o ideal de progresso trouxesse uma visibilidade técnica sobre as práticas sociais e sobre os usos dos espaços urbanos, baseados em uma racionalidade advinda do intenso desenvolvimento industrial e econômico que Belém passava a partir dos anos 1950. Contudo, o que pôde ser visto é que as tradições e as crenças em elementos sobrenaturais não desapareceram. Continuavam presentes, às vezes adaptados aos aspectos urbanos. O medo diante do sobrenatural fez parte do cotidiano de grupos de moradores do centro da cidade e a presença desse medo moldava tanto as percepções e significados quanto os usos do espaço público.

Como visto, mesmo que de forma sintética, podem existir diversos significados sobre uma rua que se transformam ao longo do dia. De manhã ou de tarde, a rua pode significar um espaço de trânsito, um meio para se chegar a um destino. Durante a noite, ela se torna um espaço a ser evitado por conta da crença de que seres sobrenaturais ali apareceriam.

Percebemos, também, que o centro da cidade era um espaço mais estruturado, organizado, saneado, que contava com facilidade de serviços e de transportes. De acordo com moradores dessas áreas, os seres sobrenaturais que se acreditavam ali aparecer estavam relacionados caracteristicamente a este espaço, como o fantasma da moça que pegava um táxi, ou o fantasma que aparecia no bonde, ou o carro assombrado que cruzava os bairros do centro nas madrugadas das sextas-feiras fazendo barulhos horríveis. Estas “características urbanas” que os seres sobrenaturais deste espaço possuíam é algo que merece ainda ser muito mais discutido e pesquisado, pensando sobre como as transformações espaciais também influenciam nas transformações dos elementos sobrenaturais que estão no imaginário local. Outro ponto a se considerar e a ser mais desenvolvido é a dicotomia entre os elementos sobrenaturais do centro da cidade com os de bairros periféricos. Os primeiros sempre voltados aos elementos urbanos; os segundos voltados aos elementos da natureza, como animais e plantas. De quais formas as percepções da paisagem podem inspirar ou intervir na crença e no medo diante do sobrenatural?

Finalmente, consideramos fundamental se estudar aspectos da história de uma cidade, como no caso de Belém, a partir da cultura. Além das relações sociais, políticas e econômicas, vimos o quanto o elemento cultural, fruto de tradições, memórias e das apropriações pessoais sobre um espaço, conseguem denotar novos significados, conseguem impor diferentes interpretações sobre um espaço que, por sua vez, implicam em distintas formas de se experimentar o espaço público. Ele é organizado tanto por aspectos técnicos, econômicos e políticos, quanto pelas relações sociais e culturais, por crenças e medos, tornando-se um lugar dotado de significados para moradores do espaço urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A PROVÍNCIA do Pará. Belém, 1970, 1972.

ARAÚJO, R. A. **A cidade sou eu?** O urbanismo do século XXI. 2007. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

BARROS, José D<sup>o</sup> Assunção. **Cidade e história**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CAMPELO, Marilu Marcia. Conflito e espacialidades de um mercado paraense. In: LEITÃO, Wilma Marques (org.). **Ver-o-Peso: estudos antropológicos no mercado de Belém**. 1. ed. Belém: NAEA, 2010.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. 1. ed. São Paulo: Contexto: 2012.

CASTRO, Edna. Urbanização, pluralidade e singularidades das cidades amazônicas. In:

CASTRO, Edna (org.). **Cidades na Floresta**. São Paulo: Annablume, 2008.

CHAVES, M. A. Notas sobre o povoamento na Amazônia. **Revista Estudos Amazônicos**. Belém, vol. 4, n. 2, 2009. p. 153-161. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/pphist/estudosamazonicos/arquivos/artigos/7%20-%20IV%20-%202%20-%202009%20-%20M%20Anunciada%20Chaves.pdf>>. Acessado em: 12 nov. 2015.

CORRICONDE, Raquel; VELHO, Gilberto. A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1973 (1<sup>o</sup> edição); 1989 (5<sup>o</sup> edição). In: **Revista Intratextos**, 2013, vol 4, no1, p. 119-139. DOI: 10.12957/intratextos.2013.8506.

CUCHE, Denys. **A noção de culturas nas ciências sociais**. Bauru, EDUSC, 1999.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente (1300-1800): uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIÁRIO do Pará. Belém, 1987, 1988, 2014.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia (1870-1950)**. Belém: EDUFPA, 2008.

FRAXE, T.; MIGUEZ, S.; WITKOSKI, A. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. **Ciência e Cultura**. São Paulo, vol. 61, n. 3, 2009. Disponível em: <

[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252009000300012](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000300012)>.

Acessado em: 12 nov. 2015.

LIMA, Zeneida. **O mundo místico dos caruanas e a revolta de sua ave**. 4. ed. Belém: Cejup, 1998.

MIDGLEY, Mary. **A presença dos mitos em nossas vidas**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

MITSCHEIN, T.; CHAVES, J.; MIRANDA, H. **Crescimento, pobreza e violência em Belém**. Belém: NUMA/UFPA; POEMA, 2006.

MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**. 3. ed. Belém: Banco da Amazônia S. A., 2000.

\_\_\_\_\_. **As incríveis histórias do caboclo do Pará**. Belém: Simith, 2002.

SIMÕES, Maria do Socorro; GOLDER, Christophe (coords.). **Belém conta....** Belém: Cejup; UFPA, 1995. (Série Pará Conta; 2)

MORAES, Eneida de. **Aruanda/Banho de Cheiro**. Belém: SECULT; FCPTN, 1989.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012. OLIVEIRA, José Coutinho. SILVA, A.; REBELO, M.; CORRÊA, P. (orgs.). **Imaginário Amazônico**. Belém: Paka-Tatu, 2007.

PRIORE, Mary del. **Do outro lado: a história do sobrenatural e do espiritismo**. Planeta: São Paulo, 2014.

ROCHA, Everardo P. G. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos, 151)

RONCAYOLO, Marcel. As funções da cidade. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986. V.8.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)**. 3. ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.

SOUSA, Rosana Padilha de. História e memória de um bairro operário: Reduto – 1910 – 1930. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 24, 2007, São Leopoldo, RS. Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

TOCANTINS, Leandro. **Amazônia: natureza, homens e tempo: uma planificação ecológica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. (Coleção Retratos do Brasil, v. n. 165) TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.

\_\_\_\_\_. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

\*\*\*

Artigo recebido em jan. 2022. Aprovado em mar. 2022.